

Sidnei Puziol Junior*

A Dança Silenciosa da Terra

The Silent Dance of the Land

RESUMO

O presente texto aborda a relação entre natureza e ser humano por meio da ecoperformance, visando estabelecer uma conexão profunda entre o indivíduo e o ambiente natural. Através da prática da ecoperformance e da dança, é possível explorar a poética da terra e do solo, que se tornam elementos capazes de estimular a metamorfose do corpo, proporcionando uma experiência poética. O texto também aborda as possibilidades de metamorfose por meio da dança butô, uma forma de expressão artística intimamente relacionada à natureza do Japão e a ancestralidade.

Palavras-chave: Ecoperformance; Terra; Solo; Butô.

ABSTRACT

This text delves into the relationship between nature and human beings through ecoperformance, aiming to establish a profound connection between the individual and the natural environment. Through the practice of ecoperformance and dance, it is possible to explore the poetry of the land and soil, which become elements capable of stimulating body metamorphosis, providing a poetic experience. The text also discusses the possibilities of metamorphosis through butoh dance, an artistic expression closely related to the Japan's nature and ancestral heritage.

Keywords: Ecoperformance; Land; Soil; Butoh.

Pensamentos acerca da relação entre natureza e humano tem se mostrado resistente ao tempo, muitos estudos entre filósofos, ecologistas e ambientalistas defendem uma visão mais integrada do mundo humano e não humano. No campo artístico, historicamente a natureza sempre foi uma fonte inesgotável de inspiração, e com a teoria da Ecoperformance podemos ver uma busca por uma conexão profunda entre o ser humano e o ambiente natural. De acordo com a artista e pesquisadora Maura Baiocchi (2022), a ecoperformance integra a linha de arte ambiental, mas vai além da beleza da natureza em si, ela se relaciona diretamente com a justiça ambiental e social.

A expressão artística através da ecoperformance pode ocorrer ao unir o corpo com o entorno, abordando assuntos relacionados à interação entre a sociedade e o meio ambiente, conexões com o passado ancestral e oportunidades de engajamento contra a devastação da natureza. Nesse contexto, sugiro uma jornada para explorar a beleza poética da terra e como o simples ato de arrastar os pés pode nos levar a uma experiência única e visceral com a natureza, por meio do movimento sutil, porém expressivo.



Desde tempos imemoriais, a terra tem sido reverenciada como uma entidade sagrada e fonte da vida. Ela representa um símbolo poderoso que evoca um profundo senso de conexão com as raízes naturais e com a própria essência humana. Ao discutirmos a imaginação e a abordagem poética da terra e da lama, é essencial refletir sobre a relação entre o humano e os elementos da natureza. Ao explorar uma abordagem poética em relação aos elementos naturais e à imaginação humana, o filósofo francês Gaston Bachelard (2008) enfatiza a importância dessa imaginação material, que está vinculada aos sentidos, aos objetos tangíveis e às coisas concretas. Segundo ele, é por meio dessa forma de imaginação que os seres humanos podem construir uma visão poética do mundo. Para Bachelard, a poética da terra é aquela que busca resgatar a dimensão do material e concreta da natureza, ao mesmo tempo em que evoca imagens e emoções que transcendem o tangível, resultando em uma expressão poética única e poderosa.

A terra e o solo são elementos que podem inspirar a criação artística, uma vez que possuem uma beleza e profundidade únicas. No entanto, essa profundidade precisa ser explorada e experimentada no corpo de forma metamórfica, a fim de promover uma transformação na percepção que temos do mundo ao nosso redor, permitindo-nos contemplar a natureza de maneira poética e simbólica. Por meio da metamorfose do corpo, podemos adentrar as camadas mais profundas da terra e do solo, vivenciando sua beleza em toda a sua plenitude. Tatsumi Hijikata e Kazuo Ohno (Baird, 2012), os mestres por trás da criação e disseminação da dança Butô, acreditavam que um dos aspectos essenciais de sua arte era a possibilidade de “tornar-se” algo por meio da dança, podendo ser desde um animal, um espectro ou mesmo a própria natureza. Para ambos, a dança deveria transcender as meras transgressões das convenções sociais japonesas, sendo um projeto maior de descoberta do potencial da metamorfose.

Metamorfose do humano em plantas.

Metamorfose do humano em cinzas.

Em terra.

Em solo.

Lama.



Ao falar sobre o potencial de metamorfose no butô, os pés desempenham um papel tão crucial quanto as mãos. Kazuo Ohno afirma que “as mãos são feitas para falar com eloquência, como se quisessem expressar nossos sentimentos. Mas os pés não falam tanto quanto as mãos, porque eles ancoram a vida” (Ohno, 2016). Os pés encontrando a terra marcam o tempo e nossas histórias. A dança acontece no espaço entre o pé e o solo.

Este é o estado físico que buscamos na ecoperformance, um estado de inevitabilidade. De deixar ser afetado pela natureza e pela terra. Como podemos modificar nossa percepção do tempo através da caminhada pela terra? Como podemos criar uma sensação de eternidade no presente?

Dentro de um corpo reside um universo de infinitas possibilidades. Esse processo metamórfico desperta um estado de presença e consciência naqueles que dançam, permitindo uma abertura perceptiva para enxergar e ouvir o “agora”. É importante

ressaltar que a ideia de se tornar outro não é nova, desde a cosmologia egípcia, é possível observar crenças de almas migrando entre corpos humanos e animais. No entanto, aqui apresento uma proposta de transformação por meio de imagens e do contato com a natureza, tanto como uma forma de dança quanto como uma forma política.

Dessa maneira, é possível encontrar um engajamento político e poético que desempenha um papel essencial na criação de um diálogo crítico e transformador em relação às questões ambientais. A Ecoperformance e a metamorfose do corpo vão além da expressão artística e por si só se tornam questões políticas e sociais, questionando as estruturas de poder presentes na sociedade. Elas representam uma forma de resistência capaz de despertar emoções, sensibilidades e reflexões profundas sobre a nossa relação com a natureza. Como disse certa vez Min Tanaka: “Não danço em um espaço, danço o próprio espaço” (in Viala, 1988). Nesse sentido, a ecoperformance deve transcender as barreiras da racionalidade e alcançar um nível mais profundo de compreensão e empatia, estimulando tanto o performer quanto o espectador a reconsiderar suas conexões com o meio ambiente.

A conexão poética entre a terra e lama vai além da capacidade criativa, sendo também um símbolo associado à força e ao repouso. Esses elementos são percebidos como uma camada fértil, um ambiente propício para o surgimento e a criação de algo novo, representando a possibilidade de crescimento da vida. Ao

mexermos no húmus e removermos as folhas secas, descobrimos a presença de animais, insetos, musgo, vida florescendo a partir da terra. A vida está ali, logo abaixo.

REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Maura. Welcome Words. In: PANNEK, Wolfgang (org.). *Ecopformance: volume 1*. São Paulo: Transcultura, 2022. p. 8-11.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2008.

BAIRD, Bruce. *Tatsumi Hijikata and butô: dancing in a pool of gray grits*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.(4)

OHNO, Kazuo. *Treino E(m) Poema*. São Paulo: N-1 Edições, 2016. Tradução de Tae Suzuki.

Viala, Jean, and Nourit Masson-Sekine. 1988. *Butoh: Shades of Darkness*. Japan: Shofunotomo.

* **Sidnei Puziol Junior** é Licenciado em Artes Cênicas com ênfase em Teatro na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Desenvolve sua pesquisa e linguagem artística fruto de inquietações e memórias advindas de sua vivência em Butoh, dança de origem japonesa e as poéticas do corpo. Apto a atuar como agente da área de teatro na sociedade, promovendo a consolidação do conhecimento teatral junto à rede escolar, às instituições culturais, projetos sociais, órgãos públicos e grupos artísticos, além de se dedicar à pesquisa.

Submetido em: 17/07/2023

Aprovado em: 29/11/2023